

# TRATADO DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO: HOLISMO E AUTOPOIESE PROMOVENDO UMA PEDAGOGIA DA ALTERIDADE

ALMEIDA, Severina Alves de – UFT - [sissi@uft.edu.br](mailto:sissi@uft.edu.br)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo reflete sobre as idéias de Paulo Freire como um “Tratado da Pedagogia do Oprimido”, identificando, por meio de uma pedagogia holística e autopoietica, uma pedagogia da alteridade. Para tanto fizemos uma revisão de parte de sua bibliografia como também de teóricos como Moacir Gadotti, Carlos Rodrigues Brandão, Mário Sérgio Cortella, Afonso Celso Scocuglia, entre outros, comprometidos com a filosofia Freireana. Além destes foram utilizados estudos de Humberto Maturana sobre a autopoiese. Nesse sentido ponderamos acerca da proposta dialética Freireana de leitura e transformação do mundo. Um mundo inacabado que necessita da intervenção de homens e mulheres libertos da opressão para efetivarem sua transformação. Nessa perspectiva criam-se redes e teias de possibilidades para a promoção do homem que jaz inacabado, mas que liberto da opressão deslumbra-se com a possibilidade de se completar. E essa liberdade só é possível por meio da educação. E essa educação só é possível porque homens e mulheres, mediatizados pelo mundo, ousaram romper a arestas da intolerância, do determinismo e da alienação.

**Palavras Chave:** Paulo Freire; Pedagogia do Oprimido; Educação.

**ABSTRACT:** This article reflects on the ideas of Paulo Freire as a "Treaty of Pedagogy of the Oppressed", identifying, through a holistic education and autopoietica, a pedagogy of otherness. To that end we made a part of its review of literature as well as theoretical as Moacir Gadotti, Carlos Rodrigues Brandão, Mario Sergio Cortella, Afonso Celso Scocuglia, among others, committed to the philosophy Freireana. Apart from these studies were used to Humberto Maturana on autopoiesis. In that sense ponderamos about the proposal Freireana dialectic of reading and transforming the world. An unfinished world that needs the intervention of men and women freed from the oppression efetivarem for its transformation. In that perspective to create networks and webs of possibilities for the promotion of the man who lies unfinished, but released from oppression deslumbra with the possibility to complete. And this freedom is only possible through education. And that education is only possible because men and women, mediatizados the world, dared to break the edges of intolerance, of determinism and alienation.

**Keywords:** Paulo Freire; Pedagogy of the Oppressed; Education.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 6º. Período do curso de pedagogia UFT – Universidade Federal do Tocantins Campus de Tocantinópolis

## INTRODUÇÃO

*“Não há educação sem amor, o amor implica a luta contra o egoísmo, quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama, não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama”.*  
(PAULO FREIRE, 1979:27).

A concepção dialética homem-mundo, fundamento do processo educativo da libertação do ser humano em sua totalidade, tem em Paulo Freire seu criador e principal vetor. Na sua concepção o homem (co)existe na trama das relações que mantém consigo mesmo e com os seus “outros”. É a pedagogia da alteridade. Assim se criam redes e teias dialógicas que possibilitarão a “leitura do mundo”. Para Freire a relação entre esta e a utopia é indicotomizável.

Reside aí um das razões de seu protesto veemente contra o projeto neoliberal. Este se configura como algo que tolhe o pensamento, inibe a capacidade crítica e se apodera do conhecimento historicamente construído, manipulando a aprendizagem de crianças e jovens de todas as idades, comprometendo seu desenvolvimento não somente intelectual, mas principalmente do ser humano em todas as suas possibilidades.

Com efeito, a pedagogia Freireana, força resultante de uma filosofia coerente, esperançosa e utópica, fala-nos a partir da perspectiva de se entender as relações intersubjetivas pelo prisma da possibilidade de transformação do mundo. Essa transformação, fruto de uma educação libertadora, se estabelece quando, dialeticamente, conscientes de seu inacabamento homens e mulheres buscam alternativas para modificar a ordem em que as coisas se encontram em um dado momento de suas vidas. Surge aí a dialogicidade de uma pedagogia que, dialética por concepção, produzirá uma educação com o poder de mudar e transformar o mundo.

A proposta Freireana volta-se para uma educação integral do ser humano, uma educação holística que forma para e pela cidadania e que passa, necessariamente, pela construção de relações pautadas por solidariedade, confiança e utopia, ou seja, encontra-se impregnada de atos e fatos éticos, estéticos e amorosamente dialógicos. Se para acontecer aprendizagem - troca de saberes - temos que priorizar a interação entre as pessoas consolidando um diálogo, então se faz mister que começamos por nós mesmos, analisando nosso comportamento, revendo nossa postura e repensando nossas demandas.

Quais princípios norteiam nossa conduta? Afinal uma das preocupações de Paulo Freire foi com a coerência ou a ausência dela.

Freire, dentre tantos neologismos criados por sua mente brilhante apresentou o verbo “Miopisar”, traduzido por Mario Sérgio Cortella (2005) como deixar míope, dificultar a visão, distorcer o foco. É a denúncia de uma realidade por ele denunciada na transcrição do prefácio da “Pedagogia do Oprimido” (1968), ao dedicar o livro “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. Era um recado para uma sociedade mergulhada no individualismo de seus co-cidadãos, chamando-os a despertar para a necessidade de se entender as relações humanas sob uma outra ótica. A ótica do oprimido, pautada numa pedagogia do diálogo, da alteridade. Uma pedagogia para uma educação holística e autopoietica.

Considerando a importância da “Filosofia do Oprimido” preconizada por Freire bem como as relações pedagógicas que se estabelecem no cotidiano das práticas educativas idealizamos este trabalho que promove uma reflexão acerca da unidade dialética entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, tendo em vista o tratado de paz aí implícito. Para tanto foi realizado um estudo de parte da bibliografia de Paulo Freire bem como da parte produção literária de autores comprometidos com sua ideologia, identificando uma “Pedagogia Autopoietica” como pressuposto ético e estético visando a uma “Pedagogia da Alteridade”, entendendo ser essa uma alternativa para que se edifique uma educação além das fronteiras do neoliberalismo.

### **ALTERIDADE, HOLISMO E AUTOPOIESE NA DIALÉTICA ENTRE A LEITURA DA PALAVRA E A LEITURA DO MUNDO**

As idéias de Paulo Freire, amplamente debatidas por teóricos do quilate de Moacir Gadotti, Afonso Celso Scocuglia, Carlos Rodrigues Brandão, José Eustáquio Romão, Mario Sérgio Cortella, dentre tantos outros “Freireanos”, foram aos poucos se incorporando no universo pedagógico de professores e estudantes de licenciaturas pelas universidades do Brasil e do mundo e graças a eles mantém-se vivo o legado desse incansável andarilho em sua trajetória utópica numa caminhada incessante em busca da paz e da liberdade que só uma educação holística e autopoietica como a que ele apregoa é capaz de proporcionar.

Essa educação proposta por Paulo Freire no conjunto de sua obra e com mais veemência na trilogia Pedagogia do Oprimido (1968), Pedagogia da Esperança (1992) e Pedagogia da Autonomia (1996), encontra-se impregnada por pressupostos éticos e

estéticos e por concepção produz uma pedagogia da alteridade, simultaneamente holística e autopoietica, a qual traz implícita em sua amálgama um tratado de paz.

O que seria, então, uma educação holística e autopoietica e como essa se identifica com as idéias de Paulo Freire? Não necessariamente nessa ordem, podemos identificar como um processo educacional holístico aquele que prima pelo resgate da dimensão ética no sentido mais amplo, e que consiste, segundo Roberto Crema (1989), num compromisso com a humanidade, com a preservação da natureza e com o estabelecimento de uma ação revolucionária entre homens, animais e plantas. Assim o holismo traz uma proposta de vida integral, e na educação essa proposição se completa.

Segundo Weil(1991:17) *holos* significa inteiro, não fragmentado. Adjetivo ou substantivo, significa uma visão não fragmentada do real, em que sensação, sentimento, razão e intuição se equilibram, se reforçam e se controlam reciprocamente, permitindo ao homem uma plena consciência de todos os fatores envolvidos em cada situação ou evento da sua existência, permitindo-lhe tomar a decisão certa, no momento certo, com sabedoria e amor espontâneos, o que implica a presença de valores éticos de respeito á vida sob todas as formas .

A filosofia de Paulo freire encontra nestas proposições a sua mais alta identificação desde que sua concepção de educação estabelece um curso de ação em que redes e teias de convivências se desencadeiam em um processo de integração que favorece de forma incontestável a existência de sujeitos autônomos e que se completam pelo reconhecimento da alteridade absoluta do outro. Sendo o holismo uma doutrina que considera que “a parte só pode ser compreendida a partir do todo, que privilegia a consideração da totalidade na explicação de uma realidade, sustentando que o todo não é apenas a soma das partes, mas possui uma unidade orgânica” (Japiassu & Marcondes, 1990:122), ou seja, tudo acontece sempre a partir da interação entre sujeitos, de modo que se intercalam aspectos conceptivos entre a proposta Freireana para a educação e esta categoria do pensamento filosófico.

Quanto ao termo autopoiese, este é um neologismo que nos remete à idéia de autoprodução. “Comp. Pospositivo, do gr. *Poiesis*, eos, criação, fabricação, confecção; obra poética, poema, poesia” (Houaiss, 2001:2246) apud (Batista, 2006:9). Assim, quando pensamos em autopoiese, devemos nos remeter a uma espécie de motor interno ao sistema, que faz com que ele esteja em processo de produção. A palavra foi criada por Humberto Maturana, biólogo chileno, na tentativa de responder em suas investigações à pergunta: “O que é que começa quando começam os seres vivos sobre a terra, e que tem

se conservado desde então?” (Maturana & Varela, 1997.11). Observa-se, então, que está em jogo o processo de produção de vida, quando se relaciona o termo ao ser humano.

Autopoiese é, portanto, processo de criação, de autocriação. Os autores referem-se, então, aos seres vivos como “ sistemas nos quais, seja em seu acontecer solitário de sua atuação como unidades autônomas ou no que se refere aos fenômenos da convivência com os outros, surgem e neles se dá em/e, através de sua relação individual, como entes autônomos” (Ibidem). Assim, uma educação autopoietica se aproxima da Pedagogia Freireana, partindo do pressuposto de que esta se funde nas relações intersubjetivas, estabelecendo-se de forma independente e autônoma, num processo de autoprodução, autocriação favorecidas pela criatividade da cada um em particular e do trabalho em equipe no geral, priorizando o senso de responsabilidade, de cooperação e de solidariedade.

Baptista (2006) sustenta que a concepção proposta por Maturana está associada à percepção de caráter sistêmico do ser humano e suas formas de agregação, de convivência, de partilha. Sua construção, neste sentido, é processual e o caráter autopoietico surge do acionamento decorrente do encontro de ações integradas, recriação e, assim, constituindo a autominização de um outro ser, que por sua vez, vai reinventar o sistema todo em que o sujeito está inserido.

Segundo Maturana e Varela (1997:15) o ser vivo não é somente um conjunto de moléculas e sim uma dinâmica molecular, um processo que acontece como unidade separada e singular como resultado do operar, e no operar, das diferentes classes que a compõem em sua trajetória de interação e relação de proximidade que o especificam e realizam como uma rede fechada de câmbios e sínteses moleculares que produzem as mesmas classes de moléculas que a constituem.

Maturana dá o nome de autopoiese a essa rede fechada de produção de componentes, em que tais componentes geram as próprias dinâmicas de produção que os criam, num fluxo contínuo de elementos. Fica claro, então, o caráter sistêmico e também processual de engendramentos múltiplos nas constituições dos seres autopoieticos. Para Baptista (2006) tudo isso pode parecer complexo e de certa forma o é, mas também pelo fato de ser algo inerente à natureza, beira a simplicidade do óbvio. Poderia dizer então que o sujeito se autoreproduz e se reinventa a cada momento nas múltiplas interações-relações, a partir dessa espécie de motor interno autonomizador e dos vínculos com outros seres autopoieticos – esses outros podem tanto ser pessoas quanto sistemas grupais, institucionais etc.

É o que sustenta Guatari (1992:14) apud Baptista (2006:12) ao ressaltar que o caráter heterogêneo dos componentes que concorrem para a produção da subjetividade, por exemplo, componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte. A partir da compreensão da heterogênesse na constituição dos sujeitos a autora acredita ser possível avançar entendendo que o processo autopoietico possa ser mantido como premissa do processo educacional uma vez que não há como produzir educação sem que os sujeitos mantenham sua capacidade autocriadora.

Se quisermos o processo educacional existindo conforme sustenta Paulo Freire precisamos compreendê-lo de tal modo que os sujeitos envolvidos sejam holísticos, possam se colocar na relação não como meros reprodutores e repetidores de uma pedagogia bancária, mas, como seres autopoieticos que se reinventam com a educação, e nessa reinvenção concordam em partilhar com o plano de aprendizagem proposto pelo emissor. Dessa forma, no processo educacional não há a autonomia total e irrestrita do receptor nem tampouco a supremacia do emissor, antes ocorre o desencadeamento da fusão de diferentes componentes na amorosidade compartilhada, em que o resultado é a reinvenção das unidades autônomas – educadores/as e educandos/as – e do sistema maior que os engendra – as máquinas de produção de subjetividades, ou seja, a sociedade da qual fazem parte.

Para associar os processos autopoieticos à educação é preciso compreender que estes não são circunscritos exclusivamente à unidade que os concebem, antes remetem à reinvenção dos mesmos a partir de suas próprias condições e disposições de produção, relacionando-se, também, com o que Maturana & Varela (1997) entendem por enacção, ou seja, aquilo que está em ação de acionamento do movimento para um outro lugar, algo como um trampolim para o futuro, ou, mais precisamente, o processo de conhecimento em que são acionados diferentes devires para uma condição diferente para diferentes platôs de existência conhecedora.

Nesse sentido, a confiança que se estabelece no processo amoroso proposto por Freire em relação ao ato educativo é algo que agencia a autopoiese dos sujeitos envolvidos e, simultaneamente, engendra a própria relação, a sua manutenção e eficiência, no sentido da essência de sua razão de existir. Se o objetivo é compartilhar sentidos, partilhar existências educativas, propondo ações e desencadeando devires (Baptista, 2006), então isto só pode ser produzido se estiverem em cena discursos amorosos e autopoieticos, conforme evidencia a proposta Freireana para uma educação holística.

Assim torna-se importante que nos processos educativos promovidos pela ação dialógica das relações intersubjetivas, tão evidentes na filosofia Freireana, sejam acionados mundos que possibilitem o desencadeamento da autopoiese como pressuposto discursivo visando a uma pedagogia da alteridade, de sorte que o jogo dos fluxos pedagógicos da/na educação acione dispositivos múltiplos de envolvimento do outro em sua totalidade, de tal forma que o outro não só continue existindo – condição indispensável para a continuidade do processo – mas seja respeitado como legítimo outro pela convivência exercitada na alteridade absoluta desse outro.

Nesse sentido, se a educação numa concepção autopoética Freireana se fizer existir, o outro – receptor – sentindo o acolhimento e deixando-se envolver pela dinâmica da relação amorosa necessária para que o ato educativo se estabeleça, vai querer continuar convivendo e sentindo-se impregnado, afetado em seu todo – holístico – vai reinventar-se, recriar-se, ao mesmo tempo em que (re)construirá a própria educação.

Com efeito, identificamos as analogias entre os termos holismo e autopoiese e a proposta pedagógica Freireana, por ser a sua uma pedagogia que gera uma educação em que homens e mulheres conhecem, relacionam e integram elementos de sua cultura, ancorados por princípios que possibilitam promover, em educandos e educandas uma formação que se auto-organize, se (re)crie enfim, se eduquem de forma a serem sujeitos de sua própria existência. Sujeitos Freireanos.

## **A DIALÉTICA ENTRE A LEITURA DA PALAVRA E A LEITURA DO MUNDO**

*“Não há ordem opressora que suporte que um dia todos os homens acordem perguntando: por quê? Por isso é necessário proibir o porquê, é necessário proibir o pensar. Por isso, a escolarização é a proibição do pensar, é a adaptação dos homens ao não pensar”*

*(PAULO FREIRE, 1979:116).*

Paulo Freire é um pensador da cultura, um dialético, nos lembra Gadotti (2001). Para ele, a educação proposta na dialética da pedagogia do oprimido é uma prática antropológica por natureza e por isso mesmo, impregnada de politicidade e ética.. Desse modo ela pode tornar-se uma prática libertadora. O tema da libertação é sempre caro a Freire. Seu pensamento “é ao mesmo tempo cristão e marxista” (Ibid, p. 3), o método utilizado é que é diferente, a estratégia é diferente mas o fim é o mesmo. “Encontramos Hegel como referência desde o início” (Ibid, p. 4), a relação opressor-

oprimido lembra a relação senhor-escravo de Hegel para depois vir Marx, Gramsci e Habermas sendo seu pensamento, humanista e dialético.

Scocuglia (1999:60) analisando o marxismo no pensamento Freireano entende que na Pedagogia do Oprimido tal conotação é notória, principalmente no que diz respeito a uma leitura da realidade que leva em consideração, por exemplo, as questões relativas às classes sociais e ao conflito entre elas – resultando uma visão educacional mergulhada em tal conceituação. O autor admite ainda que deve-se enfatizar que a aproximação marxista é feita por meio de parâmetros superestruturais relativos ao entendimento das conexões educação-consciência-ideologia-política. Ainda sobre o livro estudado, Scocuglia admite que a obra postula um processo educativo para a “revolução da sociedade opressora” (1999:61), para a eliminação da “consciência do opressor introjetada no oprimido” (Ibidem), via ação político-dialógica, o que irá possibilitar a intervenção necessária para que se efetive a leitura e transformação do mundo. Interessante apreender que a dialogicidade, base da pedagogia Freireana é, conforme Scocuglia (ibid, p.67), “um dos fios condutores da explicitação da pedagogicidade inerente aos processos de mudanças sociais”.

Segundo Gadotti, o diálogo não é apenas uma estratégia pedagógica, é um critério de verdade, e a concepção de mundo e a sua teoria sócio-político-educativa nos ajudam não apenas a entender melhor como funciona o modelo neoliberal, mas nos ajudam a construir a resposta necessária ao neoliberalismo, e que Freire defende uma nova modernidade cuja racionalidade deve estar molhada de afetividade. “Contra o iluminismo pedagógico e cultural que acentua apenas a aquisição de conteúdos curriculares, ele realça a importância da dimensão cultural nos processos de transformação social” (Gadotti, 2001:5), ele nos ensinou que a educação é muito mais do que a instrução, pode ser transformadora - transformar as condições de opressão; ler o mundo e transformar seres inacabados em cidadãos plenamente emancipados.

Esse autor adverte que embora não se possa falar com muita propriedade de fases do pensamento Freireano, pode-se pelo menos dizer que a influência do marxismo deu-se depois da influência humanista cristã. São momentos distintos, mas não contraditórios, admite. “Como afirma o filósofo alemão Woldietrich Schmied-Kowarzik, em seu livro Pedagogia dialética, Paulo Freire combina temas cristãos e marxistas na sua pedagogia dialético-dialógica” (Ibid, p. 7). Para ele, a afirmação da utopia como práxis docente e discente lembra o paradigma humanista, cristão e socialista. “O que há de original em Freire, com relação ao marxismo ortodoxo é que ele afirma a subjetividade como condição da revolução, da transformação social” (Ibidem).

Gadotti questiona sobre qual legado Paulo Freire nos deixou. “Em primeiro lugar, ele nos deixou sua vida, uma rica biografia. Paulo nos encantou com a sua ternura, sua doçura, seu carisma, sua coerência, seu compromisso, sua seriedade” (2000:3). Para o autor, suas palavras e suas ações foram palavras e ações de luta por “um mundo menos feio, menos malvado, menos desumano” (ibidem).

Para o autor, além do testemunho de uma vida de compromisso com a causa dos oprimidos, ele nos deixou uma imensa obra, estampada em muitas edições de seus livros, em artigos e vídeos espalhados pelo mundo. “Nela se encontra uma pedagogia revolucionária. A pedagogia conservadora humilha o aluno”, adverte Gadotti (2000:4). Para ele, a pedagogia Freireana, a pedagogia do diálogo, deu dignidade ao educando, respeitando-o “e colocando o professor ao lado dele - com a tarefa de orientar e dirigir o processo educativo – como um ser que também busca” (ibidem).

Como o aluno, o professor é também um aprendiz. E juntos poderão não apenas ler, mas transformar o mundo. O primeiro passo do método dialético dialógico em Freire é de apropriação do conhecimento, possibilitando essa leitura do mundo. Aqui, pode-se destacar a curiosidade como pré-condição do conhecimento. Compartilhar a leitura do mundo lido. Não posso saber se minha leitura de mundo está correta a não ser que a compare com a leitura do mundo de outras pessoas (Gadotti 1996:6).

Segundo Freire (1998:45) na medida em que a massa popular apreender os conteúdos que lhes são ensinados, ela se liberta – é a concepção fetichista do conteúdo, do objeto – pois o conteúdo sozinho não liberta ninguém e essa é a dimensão política da luta, nem sequer pedagógico – é pedagógico como reflexo, é pedagógico como consequência e não como fundamentação. “A minha tese é a seguinte: nunca se precisou tanto quanto hoje de uma educação que fosse além do pragmatismo. Nunca se precisou tanto fazer o que eu costumo chamar de “a unidade dialética contraditória” entre a leitura da palavra e a leitura do mundo” (ibidem).

Freire sustenta que é isso que os neoliberais do mundo todo defendem, uma vez que estão preocupados pela pressão que a história provoca sobre eles fruto das reivindicações populares e das pressões que as necessidades tecnológicas de um saber fazem a outro nível,

(...) e é por isso que muitos deles estão hoje em dia defendendo a educação – e que a educação para na palavra. Se você estabelecer a relação entre a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do contexto para que finalmente você tenha a relação entre texto e contexto – essa educação não serve aos neoliberais. Nesse ponto eles param. A não ser – me dizia hoje o meu querido amigo Alípio – no

plano individual, quando um ou outro elemento dessa classe trai a sua origem, faz ma opção e passa para o outro lado. Isso é possível. Agora, como classe – não é possível. Como classe, não. A classe não se suicida. Na melhor das hipóteses, advinha. Sabe onde está o perigo. E nós sabemos o que significa ameaçá-la demais (FREIRE, 1998:47).

(...) pode ser também, repetindo Alípio, que a coisa mude tão radicalmente que dentro de vinte anos isso já não fira, já não seja um susto. Eu, por exemplo, em 1963, fui considerado inimigo de Deus, posto numa cela de 1,70 de fundo por 0,60 de largura, de paredes ásperas, porque, dizia-se: eu estava traindo o nosso povo. Hoje, provavelmente, se eu for chamado à polícia, já não serei preso, nem expulso do meu país, nem demitido da universidade por causa da alfabetização. Quer dizer, a classe dominante já agüenta a alfabetização, mas não agüenta a leitura do mundo. (ibidem).

Como se percebe, Paulo freire entende que a educação é um momento especial que se condensa num processo essencialmente político. Para ele a profissão docente, queiramos ou não, é um ato político que se efetiva através de atitudes dialógicas. Sua pedagogia do diálogo é existencialista. Para ele o diálogo, assim como a liberdade é inegavelmente uma exigência do existir. Uma pedagogia que além de promover a liberdade condiciona homens e mulheres a realizarem a leitura do mundo, pressuposto essencial para que estes possam romper com as arestas do conformismo e da alienação, e se livrem da subjugação imposta pelas políticas neoliberais.

Quanto a estas, Freire as critica veementemente. Ele diz que sempre se oporá “à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua identidade fatalista e sua recusa em ser inflexível ao sonho e à utopia” (1998:15). Nesse mesmo tom, Brandão diz que na ordem política neoliberal tudo o que pode ser identificado como voluntarismo ou troca gratuita e generosa “não passa de uma inocente e ardilosa fantasia” (2005:62).

Podemos ser adestrados, treinados, informados, capacitados, como propõe o projeto neoliberal. Mas podemos ir além. Por meio de ações de uma pedagogia dialógica, pautada em situações mais humanas e densamente interativas, podemos ir muito mais além ainda. Essa é a diferença entre ser instruído e educar-se. Essa é a diferença promovida por uma educação que permite a leitura do mundo, uma educação fruto de uma pedagogia holística e autopoietica, uma pedagogia da alteridade mediatizada pela proposta do tratado de paz implícito na pedagogia do oprimido, possibilitando a leitura do mundo como forma de emancipação, manutenção e preservação da vida em todas as suas possibilidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discorrer acerca das idéias de Paulo Freire, partindo do pressuposto de que sua vida pautou-se na busca de entender as relações humanas sob o prisma da utopia, da esperança, da alegria e do sonho, uma vida que se nos apresenta como um manancial no qual buscamos o frescor necessário para superar nossa imanência, só foi possível porque contamos com um corpo teórico Freireano dos mais competentes, de sorte que nos sentimos constrangidos pela grandeza do querido Mestre que tanta falta nos faz, e por entendermos que tudo que possamos dizer a seu respeito caia na retórica de uma cansativa repetição de tudo que vem sendo dito nesta década por outros mestres como Moacir Gadotti, Carlos Rodrigues Brandão, Mário Sérgio Cortella, entre tantos outros.

Dessa forma, e conscientes de nossa limitação, produzimos este trabalho trazendo a reflexão para o âmbito do pensamento destes autores, estendendo-nos ao universo de Humberto Maturana por entendermos que sua “autopoiese” se aproxima do que Paulo Freire nos propõe acerca da educação enquanto ato libertador e criativo essencialmente humano. Ademais, a filosofia presente na obra *Pedagogia do Oprimido* e seu tratado de paz nos leva a identificar também uma educação holística, possibilitando a leitura do mundo como forma de intervenção na vida de homens e mulheres que assim se emanciparão e traçarão os rumos de suas vidas, rompendo com a situação de alienação imposta pelo neoliberalismo.

Freire nos traz o verbo “Miopisar”! Deixar míope, dificultar a visão, distorcer o foco, segundo Cortella (2005). A atual conjuntura nos remete a essa situação. Cabe a todos nós, seres oprimidos, nas relações com os “nossos outros” unidos e munidos de compostura ética e estética compulsivamente lutarmos visando à libertação, à leitura e à transformação dos “mundos”.

## BIBLIOGRAFIA

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação, Amorosidade e Autopoiese**. 2006. Disponível: [www.unisinos.com.br](http://www.unisinos.com.br) Acesso dia 26/06/2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A canção das sete cores**. São Paulo: Contexto, 2005.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Paulo Freire, Utopia e Esperança**. 2005. Disponível: [www.ipf.org.br](http://www.ipf.org.br). Acesso 12/01/2007.

CREMA, Roberto. **Indução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma**. São Paulo: Summus, 1989.

FREIRE, Paulo: **Conscientização Teoria e Prática da Libertação**: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 1979.

\_\_\_\_\_ : **Desmistificação da Conscientização** São Paulo: Loyola, 1979.

\_\_\_\_\_ : **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

\_\_\_\_\_ : **Pedagogia da Esperança**. Um encontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, ed. Paz e terra, 1996.

\_\_\_\_\_ : **Novos tempos velhos problemas**: in SERBINI, Raquel Volpato (Org). Formação de Professores. São Paulo. Unesp, 1998.

GADOTTI, Moacir. **A práxis político-pedagógica de Paulo Freire no contexto educacional brasileiro**. Disponível: [www.ipf.org.br](http://www.ipf.org.br). Acesso 12/01/2007.

\_\_\_\_\_ **Cruzando Fronteiras Teorias, Métodos e Experiências Freireanas**. 2000. Disponível: [www.ipf.org.br](http://www.ipf.org.br). Acesso 12/01/2007.

\_\_\_\_\_. **Contribuição de Paulo Freire ao Pensamento pedagógico Mundial**. 2001. Disponível: [www.ipf.org.br](http://www.ipf.org.br). Acesso 12/01/2007.

JAPIASSU, Hilton, MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MATURANA, Humberto, VARELA, Francisco. **De máquinas e seres vivos – autopoiese – a organização do vivo**. 3. ed. Porto Alegre: Belas Artes, 1997.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João pessoa: Editora Universitária, 1999.

WEIL, Pierre. **Organizações e tecnologias para o terceiro milênio – nova cultura organizacional holística**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1991.